



Reflexões sobre a Simbologia e Significação dentro das Romarias Religiosas ¹

Ingrid Sthéfani Monteiro OLIVEIRA²
Zilma de Sousa DUARTE³
Paulo Eduardo Silva Lins CAJAZEIRA⁴

Universidade Federal do Ceará, Juazeiro do Norte, CE

RESUMO

As romarias são eventos que fascinam aqueles que as observam, enquanto são o "alimento" para a alma dos que as praticam. O presente artigo tem por intenção, no entanto, fazer uma reflexão sobre os elementos simbólicos existentes na romaria de Padre Cícero, na cidade de Juazeiro do Norte, que está situada na região do Cariri, no Sul do Ceará, estado do Nordeste brasileiro, para que se identifique a importância desses elementos presentes durante esse movimento de fé. Portanto, foi utilizada a perspectiva semiológica, com a finalidade de analisar a condição simbólica dos fatores constituintes desse evento. Para o desenvolvimento deste tema, utilizamos como fonte bibliográfica Santos (2006), que traz a base teórico-metodológica sobre a semiótica, Carvalho (1998), que discorre sobre as romarias e o ícone do Pe. Cícero, entre outras leituras.

PALAVRAS-CHAVE: romaria; fé; símbolo; significado.

Introdução

A religião e a cultura são elementos que não podem ainda ser definidos com precisão e que têm, cada vez mais, se tornado objetos de estudo, a fim de estabelecer uma compreensão dos diversos conceitos que, com o passar do tempo, vão se desenvolvendo em torno dos mesmos.

¹ Trabalho apresentado no DT 08 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

² Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da UFC-CE, email: Ingrid.sthefani@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da UFC-CE, email: zilminhasd@yahoo.com.br

⁴ Orientador do trabalho. Professor adjunto do Curso de Jornalismo da UFC- CE. Doutor em comunicação e Semiótica – PUC – SP, email: pcajazeira@cariri.ufc.br



Juazeiro do Norte é um exemplo de lugar, onde, independentemente de conceitos, esse dois elementos são predominantes e fazem parte do cotidiano de um povo que parece ser tocado e movido pela fé, devoção e práticas de suas crenças, através de manifestações tidas como “culturais”. São inúmeros os aspectos a se observar dentro de uma cidade, que, originada pela fé, é hoje uma mistura de religiosidade, cultura, sagrado e profano, tudo ao mesmo tempo, em um conjunto que não mais se separa, mas sim, se complementa; que não se explica, mas que se compreende.

Os símbolos são predominantes nesse meio e se manifestam de maneira mais intensa durante as romarias. Tudo o que acontece tem um sentido que, observando-se de uma perspectiva semiótica, dá a cada ato, cenário e/ou manifestação uma presença de significado que, obviamente, só pode ser compreendido quando estudado ou quando se é ‘personagem’ da mesma.

O presente artigo tem como objetivo, portanto, entrar nesse universo de símbolos que querem dizer alguma coisa; símbolos que tentam, a sua maneira, explicar, ensinar, dar sentido a uma festa tão complexa e, ao mesmo tempo, tão simples. A partir do estudo da simbologia e dos signos linguísticos, presentes na disciplina de Semiótica no curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará, campus Cariri, identificamos vários aspectos onde os mesmos são aplicados dentro da manifestação religiosa que é tão característica da cidade de Juazeiro do Norte, localizado no sul do estado cearense, que recebe por ano milhares de peregrinos, em sua grande maioria, devotos do “santo popular” Padre Cícero.

A esse respeito, Geertv (2008) ressalta que “os símbolos religiosos formulam uma congruência básica entre um estilo de vida particular e uma metafísica específica (implícita, no mais das vezes) e, ao fazê-lo, sustentam cada uma delas com autoridade emprestada do outro”.

Símbolo é um termo que não pode ser tratado de qualquer forma, visto que, pode não ser completamente “arbitrário”, depende do contexto em que está inserido.

Enfatizamos de tal forma o termo “símbolo” que precisamos decidir primeiro o que ele deve significar. Não se trata de algo fácil, pois como a “cultura”, o símbolo” vem sendo usado numa ampla gama de coisas, muitas vezes várias coisas ao mesmo tempo.

Para alguns, ele é usado para qualquer coisa que signifique uma outra coisa para alguém – as nuvens escuras são as precursoras simbólicas de uma chuva que vai cair. Para outros é usado apenas em termos de sinais explicitamente convencionais de um outro tipo – uma bandeira



vermelha é um símbolo de perigo, uma bandeira branca de rendição (...). (GEERTV, 2008.p.67)

Dessa forma, a análise cautelosa de cada elemento presente em romarias pode levar a mais de um significado e mostrar que nem todos estão totalmente certos ou errados. Pode mostrar, ainda, que convenções simbólicas existem, como regras, porém, é imprescindível lembrar que toda regra está sujeita a exceções.

Romarias

A cidade de Juazeiro do Norte, como muitas outras cidades brasileiras, tem como uma de suas principais características ser, em épocas distintas de um único ano, “invadida” por um fenômeno que se chama romaria.

As romarias são, portanto, bastante comuns para as pessoas que vivenciam a fundo tal manifestação ou aquelas que conhecem o termo por ter se acostumado em tanto ouvir falar sobre o mesmo. Mas afinal, o que são as romarias?

Para se tentar explicar o que elas representam, é importante que antes seja apresentada a origem do termo peregrinação. Do latim *peregrinus*, a palavra designa “o estrangeiro”; aquele que deixa a sua terra e vai em busca de outra. Ou, como destaca Oliveira (2004; p.5), “peregrinar é voltar ao campo, ao espaço aberto, ao lugar de origem, à terra dos antepassados; ao centro ou ao umbigo do mundo, por essa razão é que se pode vincular diretamente a peregrinação ao sacrifício e a fé”.

A palavra romaria, segundo o dicionário Houaiss (2001), significa “peregrinação religiosa; multidão que se dirige a determinado lugar”. Ela é uma tradição trazida para o Brasil pelos portugueses. Parte do pressuposto central de que, em determinado lugar, a divindade exerce fluxos e benefícios especiais para os que o visitam. Geralmente, o veículo para transmissão dessa tradição, que é a romaria, é a família.

Dessa forma, o conceito de romaria não se distancia do termo fé. Na cidade de Juazeiro do Norte, algumas romarias acontecem durante o ano, mas, independente da intenção para quem tal romaria é dedicada, o ambiente se transforma da mesma maneira. Aliás, ele “é” transformado pelos peregrinos que vêm de diversas partes por um único motivo: devoção.



Durante esse processo, a cidade é invadida simplesmente. São diversas as formas de manifestação da fé. O mais incrível, no entanto, é como esses “visitantes” chegam na cidade supracitada. Como observa Gilmar de Carvalho (1998, p.90)

A ocupação da cidade pode ser vista como uma desordem, embora não seja esse o objetivo dos que vêm movidos por uma fé que não tem limites e que não impõe condições.

No espaço que seria público, as ruas se transbordam de ônibus e caminhões, porque não foram planejadas para tamanho fluxo.

A cidade, a cada ano, recebe uma grande quantidade de pessoas, que cresce consideravelmente. Não há tempo sequer para a preparação da cidade para tal peregrinação e, conseqüentemente, a falta de alguns itens, como água, iluminação suficiente e infraestrutura adequada são dificuldades que sempre surgem, mas nada disso parece interferir, desanimar ou fazer desistir àqueles que são movidos por uma força inexplicável.

A esse respeito, Gilmar (1998, p. 90) continua:

Nada atrapalha a manifestação de fé em uma cidade que foi crescendo de modo surpreendente, sem que uma política fosse adotada para disciplinar essa expansão, sequer uma avenida de contorno foi aberta para desviar o fluxo que engarrafa as vias centrais. As calçadas são estreitas demais para tanta gente, o que se agrava com a instalação das barracas e com os pregões dos vendedores ambulantes.

Nesse contexto, vão-se misturando romeiros e moradores, pois, de forma muito natural eles entram, transformam, manifestam sua crença, sem necessidade de se justificar, de pedir permissão ou autorização. Chegam, ficam, modificam e hibridizam o ambiente.

Tudo fica às avessas, onde se torna difícil saber o que está em vigência, quem na verdade manda e para onde a cidade vai enquanto dura esse sítio, para o qual se cunhou um neologismo: romeirada.

Os que vem ocupam espaço sem pedir autorização, porque sabe que tudo passa a ser seu e que as autoridades não terão condições de fazer valer normas repressivas, tamanha a intensidade da ocupação. (CARVALHO, 1998, p.91)

Percebe-se, com isso, que as romarias em Juazeiro do Norte contêm uma carga de valores e significados, em que nada se explica, por não haver necessidade. O estranho parece comum, como uma norma, algo que já faz parte do cenário cultural da cidade. Ela [a romaria] é responsável, entre outras coisas, pela interação de costumes



que surge com a manifestação cultural daqueles que vivem em Juazeiro e daqueles que chegam de todas as partes com suas próprias vivências.

Romaria: um processo religioso ou cultural?

Em Juazeiro do Norte, especificamente, é difícil se observar as romarias como processo que separa cultura e ato religioso. Ambos estão ligados de forma tal que um

remete ao outro. Para se entender tal processo, é necessário que se percorra o contexto histórico da trajetória do Padre Cícero, que soube ser um líder religioso de grande influência no sertão nordestino. Em sua época, é importante salientar, o ambiente era propício às crenças mais diversas.

Padre Cícero influenciou, de certa forma, a que até milagres fossem inseridos no mundo daqueles que acreditavam plenamente em uma mudança, levando-se em conta a sociedade, a época e as dificuldades. Padre Cícero foi o padrinho daquele povo.

A confiança torna-se, com o passar do tempo e com “evidências” de sua proximidade com Deus, em uma fé indissolúvel e que resistiu há quase 100 anos.

(...) Padre Cícero encontra em Juazeiro terra propícia para a formação de ‘feudo’ religioso, mais tarde, também econômico e político, embora nos seus primeiros dezessete anos de seu apostolado (1872 – 1889) tenha vivido uma fase de ‘profundo misticismo, penitência, meditação e pobreza’ (BARBOSA, 2000, p. 32)

A crença e a devoção no Padre Cícero são elementos que foram implantados no meio social, econômico e cultural da cidade. Cultural, sim, tendo em vista que cultura envolve todo e qualquer comportamento, manifestação, vivência e jeito de ser de um povo. Elementos que se justificam em si e são resistentes ao tempo, caracterizando assim, determinado meio.

As várias maneiras de entender o que é cultura derivam de um conjunto comum de preocupações que podemos localizar em duas concepções básicas. A primeira concepção de cultura remete a todos os aspectos de uma realidade social; a segunda refere-se mais especificamente ao conhecimento, às idéias e crenças de um povo (...) entendemos neste caso que a cultura diz respeito a uma esfera, a um domínio, da vida social. (SANTOS, 2006, p. 24 – 25)



A cultura, embora resista ao tempo, não pode ser considerada como algo imutável e estagnado. As mudanças existem e coexistem. As romarias não são recentes, porém, o que acontece hoje, da forma como acontece, certamente não é idêntico ao que deu origem às primeiras romarias. Dentro do processo religioso, por exemplo, outras manifestações foram sendo inseridas nesse contexto, entre estas pode-se citar as festas populares, o comércio (ainda que com a justificativa religiosa), a arte e muitos outros elementos. A esse respeito, Santos (2006, p.47) afirma que:

Apesar de se repetirem ao longo do tempo e em vários lugares, não se pode dizer que esses eventos sejam sempre a mesma coisa (...) o fato de que as tradições de uma cultura possam ser identificáveis não quer dizer que não se transformem, que não tenham sua dinâmica. Nada do que é cultural pode ser estanque, porque a cultura faz parte da realidade onde a mudança é um aspecto fundamental.

A cultura pode ser considerada, portanto, como algo dinâmico, capaz de acompanhar o tempo e se adequar a ele, não deixando desligar-se totalmente de suas raízes, daquilo pelo qual foi originado, embora, também devamos ter consciência de que cultura não possui começo, meio nem fim.

Análise simbólica dos elementos da romaria

Dentro do contexto religioso e cultural das romarias, não se pode deixar de refletir acerca da simbologia existente nesses campos. No caso da romaria de Padre Cícero, o próprio padre torna-se ícone⁵ da cidade. Acompanhado dessa figura, ora imagem, ora símbolo⁶, outros elementos incorporados e que formam a romaria são repletos de um significado, de um motivo de existir, de uma justificativa carregada de sentido. Porém, é importante ressaltar que só vai existir caso se compreenda o contexto, a história, o porquê de tanta devoção.

⁵. *Ícone* é um signo que tem alguma semelhança com o objeto representado. Exemplos de signo icônico: a escultura de uma mulher, uma fotografia de um carro, e mais genericamente, um diagrama, um esquema. (COELHO NETTO, 2001, p 58)

⁶. *Símbolo* é um signo que se refere ao objeto denotado em virtude de uma associação de idéias produzida por uma convenção. O símbolo é marcado por arbitrariedade. Peirce observa que o símbolo é de natureza geral, tanto quanto o objeto denotado; mas como aquilo que é geral deve existir também nos casos de determinados, pode-se dizer que esses casos indiretamente afetam o símbolo não deve ser procurada nessa afetação, mas em seu caráter convencional, arbitrário. Ex.: qualquer das palavras de uma língua, a cor verde como símbolo de esperança etc. (COELHO NETTO, 2001, p 58)

Um contexto carregado de significação, onde o que se pode apresentar a um turista ou visitante qualquer da cidade como uma pedra, uma inscrição ou um signo ⁷, passam a representar, para o romeiro, algo que escapa a interpretação racional, a verossimilhança e à equivalência entre o objeto e seu referente.

Essa nova atribuição de valores ou significados é que diz da riqueza da manifestação do aporte de novos olhares sobre o que poderia parecer definitivo ou fechado em torno de si mesmo, não dando margem à possibilidade do improvisado ou à subversão do senso comum na apreensão, nomeação e interpretação das coisas. (CARVALHO, 1998, p 92)

Percebe-se, nas palavras do autor, a importância que se é dada ao contexto. É ele o responsável pelas diversas possibilidades de se dar a determinado elemento, ou diga-se, símbolo, a significação diferenciada na forma como se é recebido o significante.

A Significação de alguns elementos dentro das romarias

Vários são os elementos dentro dessa representação ativa de fé e devoção que possuem um significado, no âmbito da semiótica, que necessitam de um conhecimento profundo de interpretação para os estudiosos ou observadores do fenômeno, o que é totalmente compreensível, comum e lógico para os que vivem aquilo.

Entre esses elementos, podem-se destacar alguns, em nível de exemplificação de tudo o que foi colocado até agora: O Padre Cícero, o Horto, os ex – votos, o chapéu de palha seriam esses exemplos.

A começar pelo Padre Cícero, pode-se atribuir, ao mesmo tempo, caráter de símbolo e ícone de Juazeiro, porque, ao olhar a “imagem” impressa do Padre, ou a estátua, como também o monumento do Horto, ou em miniaturas [réplicas da estátua do Horto] é fácil remetê-la a cidade de Juazeiro do Norte.

Como um símbolo, ele é arbitrário, pois, dependendo do lugar e do conhecimento das pessoas, a imagem do homem de chapéu, com uma Bíblia e um cajado nas mãos, seria apenas a imagem de um padre qualquer.

⁷. É para Pierce, aquilo que, sob um certo aspecto, representa alguma coisa para alguém. Dirigindo-se a essa pessoa, esse primeiro signo criará na mente (ou semiose) dessa pessoa um signo equivalente a si mesmo ou, eventualmente, um signo mais desenvolvido. Este segundo signo criado na mente do receptor recebe a designação de interpretante (que não é o intérprete) e, a coisa representada é conhecida pela designação de *objeto*. (COELHO NETTO, 2001, p.56)

Já para quem conhece a história de Juazeiro, a imagem representa o Padre Cícero, patrono da cidade; por fim, para os romeiros, trata-se de seu “padrinho”, “santo”, grande figura que está, ainda hoje, a influenciar em suas vidas, concedendo-lhes graças.

O Horto pode representar simbolicamente o próprio calvário onde Jesus Cristo passou os seus últimos momentos, sofrendo como forma de pagar pelos nossos pecados. Isso se justifica pela subida, íngreme e cheia de curvas, obstáculos a serem vencidos por aqueles que seguem os caminhos de Cristo, a subir também o “calvário”. Vejamos o que diz Carvalho (1998, p. 96) sobre o Horto:

Ladeira que parece não ter fim e que conduz ao monumento ao Padre Cícero, que o fiel não cansa de admirar, olhando para o alto e vendo a figura branca recortada contra o azul do céu.
Espaço carregado de significações, indecifráveis para os que não tem fé e sensibilidade para compreender o imaginário popular, sertanejo e místico, que faz do Horto um recorte e uma miniatura da história e dos sigilos sagrados.

Os ex-votos, à primeira vista e aos olhos dos “leigos”, significam pedaços de imagens de santos quebradas, simplesmente isso. Para os romeiros que frequentam Juazeiro do Norte, como em outros espaços de devoção messiânica, é mais que isso, pois ela é:

Uma cidade que tem seus cemitérios de imagens como se seu habitante ou peregrino suspeitassem que não poderiam jogar seus ícones quebrados e mutilados no lixo e procurassem um abrigo nos campos santos, nas laterais das igrejas, nos pedestais e em volta dos cruzeiros e nos túmulos de beira de estrada, onde o gesso se desgasta até voltar ao pó que sempre foi.
(CARVALHO, 1998, p. 92)

Os chapéus são acessórios mais predominantes durante as romarias. Cada romeiro faz questão de usar o seu. A princípio, se pode considerar o uso quase que obrigatório por conta do calor escaldante que se faz característico do clima da cidade. Não obstante, o chapéu é mais que isso, em sua simbologia, ele faz parte do “ritual” em busca das bênçãos:

Os chapéus abençoados são o salvo – conduto para a viagem de volta, longa e cansativa, embora estejam os romeiros, revigorados na fé e o agradecimento de Juazeiro do Norte àqueles que vieram renovar seus votos, honrar suas promessas e reatualizar seus compromissos com uma cidade que eles consideram sagrada.

A bênção dos chapéus é a certeza do dever cumprido e a justificativa mesma de toda a longa viagem que foi cumprida e que foi aceita pelo



Padre Cícero e pela Virgem, fiadores das intenções e dos gestos dos romeiros. (CARVALHO, 1998, p. 118 – 119)

Cada elemento, nesse sentido, tem uma grande influência na representação do movimento romaria como um todo. São parte de um ritual simbólico, carregado de importância para os que fazem parte do evento, como se eles de certo modo, contribuíssem para a conquista das “bênçãos”.

Considerações finais

Mística. É assim que se pode enxergar a cidade de Juazeiro, quando em seu contexto religioso. Embora não seja única em receber romarias, ela tem como característica peculiar servir de templo para devoção de um ‘homem’ que foi santificado pelo próprio povo. Difícil simbolizar, dessa forma, a figura do Padre Cícero, pois seria ora santo, ora ícone, ora ídolo. O fato é que Juazeiro do Norte é terra de inúmeros símbolos e que pode ter significado diferente para cada pessoa e, assim, mais que de contexto, passa a ser questão de fé.

Nesse caso, fica aqui apenas uma breve reflexão de como um homem pôde carregar de símbolos uma cidade e deixar-se carregar como símbolo dele mesmo. São signos de diferentes vertentes, que se tornam parte da história de um povo, unindo-se de tal forma que até mesmo aqueles que não têm fé rendem-se pela atitude dos que tem e, apesar de não ser enxergada uma lógica, uma coisa é certa: Há algo que, neste caso, apesar de implícito, não se pode negar ser bonito e admirável, no âmbito das romarias.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Sérgio. Antônio Conselheiro e Padre Cícero: **Uma abordagem mística de um ensaio jornalístico**. Revista Omnia, v.3, Faculdades Adamantinenses Integradas, Adamantina: Editora Omnia, 2000.

CARVALHO, Gilmar de. **Madeira matriz: cultura e memória**. São Paulo: Annablume, 1998.

COELHO NETTO, J. Teixeira. **Semiótica, informação e comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

GEERTV, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.



HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

OLIVEIRA, Chistian D.M. de. **Turismo religioso**. São Paulo: Aleth, 2004.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Col. Primeiros Passos, 110).